

Dos guetos e das bichas: o lugar do sujeito e da história no discurso sobre a homossexualidade¹

From ghettos and queers: the subject and history positions in the discourse on homosexuality

Diego Lacerda Costa²

Resumo

Este artigo objetiva analisar as condições de produção do discurso sobre o homossexual em diferentes mídias, por meio da Análise do Discurso pecheutiana. Assim, analisamos discursividades extraídas do jornal Lâmpião da Esquina (1978) e do documentário Bichas (2016). As análises levam em consideração as determinações ideológicas para o efeito de naturalização dos sujeitos quanto as suas expressões sexuais e como a história dos movimentos sociais refletem as lutas pelo reconhecimento das subjetividades oprimidas pela sociabilidade capitalista. Com isso, pretendemos compreender que, mesmo mantendo diferenças temporais, os dizeres são determinados por uma universalidade dada pela formação social capitalista, emergindo a centralidade do sujeito no/ do discurso do empoderamento.

Palavras-chave: Discurso. Sexualidades. Sujeito. História

Abstract

This article aims to analyze the conditions of production of discourse on homosexuality in different media, through the Analysis of the pecheutian Discourse. Thus, we analyzed discursivities extracted from the Lâmpião da Esquina newspaper (1978) and the documentary Bichas (2016). The analyzes take into account the ideological determinations for the naturalization effect of the subjects in terms of their sexual expressions and how the history of social movements reflects the struggles for the recognition of the subjectivities oppressed by capitalist sociability. With this, we intend to understand that, even maintaining temporal differences, sayings are determined by a universality given by capitalist social formation, emerging the centrality of the subject in the discourse of empowerment.

Keywords: Speech. Sexualities. Subject. History

Recebido em: 02/06/2020.

Aceito em: 23/10/2020.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

² Professor de Língua Portuguesa da Educação Básica na Rede Estadual de educação de Alagoas (SEDUC/AL) e Rede Municipal (SEMED/Maceió). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4184-9700>.

Introdução

A relação entre história e discurso é fundamental para compreender as noções de sentido e de sujeito, tendo em vista que estes são constituídos numa dada formação discursiva, em determinada formação ideológica. Assim, os homossexuais, aqui considerados como os que sentem atração por pessoas do mesmo sexo, têm seus dizeres determinados na/pela história.

Dizer isso implica adotar como perspectiva de trabalho a noção de homossexualidade também atrelada à processualidade histórica. Nesse sentido,

Partiremos do pressuposto de que não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que ideias e práticas a ela associadas são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com o todo destas sociedades. Nesse sentido, tomando partido por uma noção de sexualidade atrelada ao fazer histórico dos homens, compreendemos que sua expressão produz sentidos por meio da relação entre processo discursivo e processualidade histórica (FRY; MACRAE, 1983, p. 10).

Além do suporte teórico da Análise do Discurso, valemo-nos dos trabalhos desenvolvidos por autores que se dedicaram a escrever sobre a homossexualidade e sobre o movimento LGBT, tais como James Green (2006), Jorge Caê Rodrigues (2014) e Peter Fry e Edward MacRae (1983).

Assim, destacamos que este artigo se apresenta da seguinte forma: primeiramente, discutimos a teoria acerca das condições de produção em AD. Em seguida, analisaremos as condições estritas de produção do discurso materializado no jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981) e no documentário *Bichas* (2016). Com esse movimento de exposição da análise pretendemos expor considerações sobre a relação entre as vozes dos homossexuais pela história, desde a constituição do movimento de afirmação homossexual até a eclosão de um efeito de empoderamento.

Condições de produção: compreendendo a relação sujeito e história

A noção de Condições de Produção (CP) do discurso põe em destaque a relação entre o processo discursivo e a processualidade histórica. Não há de se falar na constituição dos sujeitos e dos sentidos sem situar esse processo na história, cuja concepção, aqui empregada, diz respeito a um movimento dinâmico em que o fazer histórico é inerente à atividade laboral dos homens, a relação destes com a natureza e todas as transformações daí advindas.

Ao falarmos de CP, estamos diante de uma categoria fundamental para a AD a que nos inscrevemos, pois o discurso enquanto práxis social é o resultado da relação que se instaura entre linguagem, sujeito e história. Levando em conta que os homens fazem sua história, mas são determinados para isso. Eis o cerne da contradição própria do real sócio-histórico, constitutivo dos sujeitos e dos sentidos.

Assim, por Condições de Produção do discurso entendemos que, conforme Orlandi (2012, p. 30), “compreendem os sujeitos e a situação”. Courtine (2009), por sua

vez, problematiza a noção de CP, na medida em que discute a influência de uma abordagem psicossociologizante atribuída à definição e ao possível apagamento que esta abordagem pode dar às determinações as quais esse sujeito do discurso sofre no processo discursivo.

O caráter heterogêneo e instável da noção de CP de um discurso faz dela, nessa perspectiva, o lugar onde se opera uma psicologização espontânea das determinações propriamente históricas do discurso (o estado das contradições de classe em uma conjuntura determinada, a existência de relações de lugar a partir das quais o discurso é considerado, no centro de um aparelho, o que remete a situações de classe) que ameaça continuamente transformar essas determinações em simples circunstâncias em que interajam os “sujeitos do discurso”, o que equivale também a situar no “sujeito do discurso” a fonte de relações de que ele é apenas o portador ou o efeito (COURTINE, 2009, p. 52).

Mais adiante, em sua obra, este autor vai redefinir o conceito de CP considerando as contradições ideológicas próprias do real sócio-histórico, constitutivo da noção de formação discursiva. De antemão, devemos destacar duas características fundamentais das condições de produção, elas são heterogêneas e instáveis. Nesse sentido, não podemos compreender a noção de história como um recorte estático de um período, como se essa forma engessada de compreender o processo histórico e discursivo não tivesse espaço para as contradições e como se quiséssemos apagar o papel da memória discursiva na produção dos sentidos.

No plano metodológico, o analista do discurso se depara com a noção de CP como legitimador de suas análises, haja vista que no método marxiano de duas vias, que empregamos em nossas análises, o objeto (discurso) rege um movimento que o tem como ponto de partida e ponto de chegada, de modo que a partir do discurso analisado decomparamos até uma unidade mais simples e esse percurso é histórico. Resumindo, da busca pela apreensão do real histórico até a produção de uma nova objetividade, processo inerente à análise discursiva de natureza materialista, a história é o elemento que permeia todo o método e, por isso, toda a análise discursiva.

Assim, a teoria costuma categorizar as Condições de Produção em dois planos: amplas e estritas.

Mas, para que possamos entender como esta categoria – Condições de Produção – é fundamental na análise de um discurso, precisamos concebê-la em seus dois sentidos: amplo e estrito. O primeiro, expressa as relações de produção, com sua carga sócio-histórico-ideológica. O segundo diz respeito às condições imediatas que engendram a sua formulação (FLORÊNCIO *et al.*, 2009, p. 67).

É preciso destacar ainda que, ao tratarmos de Condições de Produção ampla e estrita, devemos compreender que essas categorias devem ser vistas dentro de uma processualidade, bem como, em relação com o discurso analisado. Não adianta pensar em condições materiais amplas, por exemplo, sem que se reflita sobre a relação destas com o objeto de análise.

No presente artigo, lidamos como uma característica importante de ser ressaltada, propomo-nos a analisar o movimento de sentidos do/no homossexual em duas

materialidades³ que, pela cronologia histórica, situam-se em diferentes momentos. No entanto, ambas ocupam lugares específicos em uma sociedade capitalista de classes. Mais ainda, embora a história revele diferenças e contradições, as vozes de um movimento iniciante de 1978⁴, ainda ecoam no discurso de jovens homossexuais que se apresentam em outra mídia, por meio de uma memória discursiva.

Com isso, nosso objetivo é também de compreender como os dizeres sobre a homossexualidade se materializam no discurso desses homossexuais em diferentes momentos históricos, mas inseridos numa processualidade de abertura de espaços de designação e afirmação. A eclosão de um movimento que toma rumos distintos que vai do “somos bichas” de um jornal alternativo para um “eu sou bicha” de uma plataforma virtual.

Iniciaremos, então, nossa análise com as condições de produção estritas de cada um dos recortes discursivos, para em seguida, propormos uma compreensão mais ampla de produção desses discursos produzidos em diferentes momentos históricos.

O *Lampião da Esquina*: a voz impressa de um movimento

O jornal *Lampião da Esquina* teve sua primeira edição no ano de 1978, embora tenha sido antecedido por outras publicações de menor escala, este periódico teve um papel fundamental na consolidação de um movimento de afirmação homossexual que surgia naquele momento. Assim, nossa intenção agora é de destacar quais foram as condições materiais que permitiram a publicação e circulação do *Lampião da Esquina* entre os anos de 1978 e 1981.

A partir dos anos de 1960 começa a surgir no Brasil publicações direcionadas a um público homossexual. Essas mídias impressas recebem o nome de imprensa alternativa nanica, tendo em vista haver um público-alvo mais restrito e especialmente por ser veiculado em espaços mais *undergrounds* e específicos, além de ter um número reduzido de tiragens. O primeiro periódico com essa característica foi o jornal *O Snob* (1963-1969).

No entanto, com o golpe civil-militar de 1964 e o endurecimento do discurso autoritário do Estado, mais especificamente com a instauração do Ato Institucional nº 05 (AI-5), o movimento de afirmação homossexual encontrou fortes obstáculos para sua consolidação e as expressões sexuais que iam de encontro com a heteronormatividade padrão tinham que se manifestar em espaços reduzidos, como os chamados “guetos”.

Entre as décadas de 1960 e 1970, o incipiente movimento gay vai adquirindo gradativamente mais força, principalmente com as influências advindas dos Estados

³ Tomamos como “materialidades”, a noção discursiva de estruturas que materializam discursos sobre e de a homossexualidade. Assim, nos coadunamos com a concepção de que o conceito de materialidades discursivas é constituído pela apropriação que a Teoria do Discurso Pecheutiana faz do materialismo histórico e dialético em seu plano metodológico, conforme se constata em (CONEIN; COURTINE; GADET [*et al*], 2016, p. 11): “É preciso saber o que é materialidade discursiva, afinal de contas, sobretudo quando se pensa que se está em um campo teórico ancilar ao materialismo. Não se trata, com isso, de fechar um campo de conceitos, mas de compreender e evitar a generalização e o desconhecimento teórico, com suas consequências analíticas.”

⁴ Conforme James N. Green, o movimento de afirmação homossexual teve seu início, no Brasil, de forma incipiente a partir da década de 1960, entretanto com o advento do AI-5, em 1968, o Brasil sofreu um atraso de dez anos na consolidação de um movimento de maior força como o observado no grupo SOMOS, no eixo São Paulo – Rio de Janeiro.

Unidos, do movimento intitulado *Gay Power*, que seguiam de forma mais radical aos preceitos já constante na pauta de luta do movimento negro naquele mesmo país.

Assim, no final da década de 1970, aproveitando-se do arrefecimento do regime militar, do processo de abertura política que já se anunciava, um grupo de artistas, jornalistas e intelectuais resolvem criar o jornal *Lampião da Esquina*.

O surgimento do *Lampião* faz parte do inconformismo diante da repressão e do conservadorismo que se abatia sobre uma parcela da sociedade brasileira. O *Lampião da Esquina* foi o primeiro, em nível nacional, a abordar a questão da sexualidade, e principalmente da homossexualidade, além de lutar contra a repressão e o preconceito fortemente recrudescidos durante a ditadura militar (RODRIGUES, 2014, p. 90).

É de se notar que neste mesmo período histórico consolida-se no eixo Rio de Janeiro – São Paulo um movimento coletivo mais forte em defesa dos direitos dos homossexuais, esse cenário é composto pela constituição do grupo *SOMOS*. Não por acaso, o *Lampião* se constitui como um veículo de difusão das ideias e manifestações desses homossexuais, já contando com a força da coletivização. Sendo assim, o *Lampião* surge com um caráter panfletário, o que não poderia ser diferente, tendo em vista que se tornava um importante espaço para dar voz às minorias, especialmente, aos que expressavam uma sexualidade diferente da considerada “normal”.

Não obstante o momento de abertura política vivenciado por todos no Brasil, em nível mundial, a crise energética iniciada em 1973, nos EUA, impõe ao mundo a necessidade de ajustes econômicos fortes. No Brasil, a fatia do chamado milagre econômico, reivindicada pela classe média, não foi distribuída, o que gera o acirramento de uma crise e, conseqüentemente, da luta de classes.

Interessante notar que, historicamente, nos momentos de crise e de acirramento da luta de classes, esta tende a ser apagada, ressaltando-se com isso, a ilusão da centralidade do sujeito. Nesse sentido, discutir sexualidade era discutir liberdades individuais, motivo pelo qual essa pauta não era assumida pelos grupos de esquerda, por considerar uma luta menor, pequeno burguesa. Ao mesmo tempo, essas liberdades individuais reivindicadas pressionavam por um Estado Democrático de Direito, que pudesse garantir a liberdade de consumo e de direitos.

Nesse sentido, Pêcheux (2009) já criticava essa centralidade do sujeito e o apagamento do efeito ideológico em Semântica e Discurso, ao propor uma teoria não subjetivista da subjetividade, por considerar as relações sociais, a primazia da objetividade como ponto de partida para a compreensão do real.

Dupla face de um mesmo erro central, que consiste, de um lado, em considerar as ideologias como ideias e não como forças materiais e, de outro lado, em conceber que elas têm sua origem nos sujeitos, quando na verdade elas “constituem os indivíduos em sujeitos”, para retomar a expressão de L. Althusser (PÊCHEUX, 2009, p. 120).

Assim, entre 1978 e 1981, o *Lampião da Esquina* trouxe à luz discussões não apenas sobre a sexualidade, mas de forma interseccional, sobre a relação entre sexo e classe social, expressões de sexualidade e de negritude, opressões e resistências. Ao dar espaço e voz aos

movimentos que estavam situados nos guetos, o *Lampião* semeava a manifestação cultural, social e política que se desenvolvia na época, orientados pelas lutas individuais que refletiam uma luta coletiva.

Nesse sentido, é importante frisar que já no número zero do jornal, a apresentação da linha editorial, traz um texto-manifesto, que procura deixar clara a intenção de provocar e transgredir a uma ordem vigente.

O número zero chamava-se apenas *Lampião*. A partir do número 1, o cabeçalho do jornal traria o nome *Lampião da Esquina*. O Conselho Editorial do jornal foi formado por onze pessoas: os jornalistas Adão Costa, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Gasparino Damata e João Antônio Mascarenhas; o artista plástico Darcy Penteadó; o crítico de cinema Jean-Cleud Bernadet; o antropólogo Peter Fry; o poeta e crítico de arte Francisco Bittencourt; e o cineasta e escritor João Silvério Trevisan (RODRIGUES, 2014, p. 93).

O formato do jornal permitia a publicação de textos que iam desde a notícia policiaisca até textos literários como poemas, contos e crônicas de temática homossexual. Além disso, o jornal, na maior parte de suas edições contava com seção de coluna social.

O jornal aparece com sete seções: “Opinião” (o equivalente ao editorial); “Ensaio”; “Esquina” (seção com artigos e notas variadas); “Reportagem”; “Literatura”; “Tendência” (seção cultural que se divide em “Livros”, “Exposição” e “Peça”); e “Cartas na Mesa”. A partir do número cinco é publicada uma nova seção, “Bixórdia”, de fofocas em geral (RODRIGUES, 2014, p. 93).

Os espaços ou seções do jornal permitiam uma diversidade de opiniões dentro do que era tido como coerente com a linha editorial, muito embora possamos compreender que o que se entende por conselho editorial é o que se instaura pela heterogeneidade, sendo assim, comporta também as contradições dos sujeitos que falam por meio do jornal alternativo. Essas contradições serão mais acirradas na medida em que o jornal se desenvolve em seus três anos de atividades.

Havia naquele momento, 1978-1981, uma busca por afirmação de um grupo, por isso, a denominação e o ato de se enunciar como gay ou bicha, passava por uma concepção política do que representa ser homossexual e, principalmente, o atravessamento das relações de classe que determinam sobremaneira a forma como esses homossexuais se autodenominavam. Diante disso,

Os editores do *Lampião* adotam todas as denominações, chulas ou não, para designar o comportamento sexual entre pessoas do mesmo sexo e mudam a grafia da palavra “gay” para “guei”, uma forma de abrigar um termo que começa a se impor como sinônimo de homossexual masculino ou feminino.

[...]

Durante os seus três anos de vida, o *Lampião da Esquina* buscou delimitar essas identidades. Da “bicha louca” ao “gay macho”, o jornal percorreu vários caminhos (RODRIGUES, 2014, p. 94).

Cabe ressaltar que essa diversidade de denominações também reflete que naquele momento histórico não havia ainda, no movimento de afirmação homossexual, uma discussão em torno das denominações consideradas politicamente corretas. Por esse motivo, o movimento ainda não abrangia a luta pela visibilidade de outras expressões sexuais, de modo que este pudesse ser chamado de LGBT, até porque, essa sigla ainda não era utilizada, pois se considerava que as diferentes expressões sexuais eram espectros da homossexualidade.

Assim, a palavra homossexualismo/homossexualidade, muitas vezes, era usada no plural para abarcar as diferentes expressões como a das/os travestis e transexuais.

Não custa lembrar também, que no período de vigência do *Lampião da Esquina*, a homossexualidade era tratada pela sociedade por meio do discurso médico, religioso, jurídico-legal, sempre como doença, pecado e desordem, respectivamente. Devido a essa imagem-padrão da homossexualidade, o próprio jornal sofreu com inquéritos instaurados e processos que o acusava de atentar contra a moral e os bons costumes de uma sociedade machista e heteronormativa.

Logo, a luta que se firmava nos coletivos homossexuais era uma luta contra toda uma visão hegemônica de sociedade. Os homossexuais resistiam/resistem ao que se coloca como conservador, ao tempo em que nessa luta, muitas vezes, eles caem nos estereótipos próprios dessa sociedade conservadora.

Um aspecto que precisa ser elucidado é que os sujeitos que ocupam as redações e conselhos editoriais desse jornalismo mais panfletário são sujeitos que se identificam com a causa. No caso do *Lampião da Esquina*, os editores eram artistas, intelectuais, escritores, jornalistas que se dedicavam à causa do movimento LGBT, que acabava de se consolidar no cenário nacional e se declaravam como membros do movimento.

Sobre essa questão do sujeito que escreve na mídia jornalística, devemos refletir sobre a produção/reprodução do discurso jornalístico a partir da análise de Mariani (1998, p. 60, grifo da autora):

Consideramos o discurso jornalístico como uma modalidade de discurso sobre. Um efeito imediato do *falar sobre* é tornar objeto aquilo sobre o que se fala. Por esse viés, o sujeito enunciador produz um efeito de distanciamento – o jornalista projeta a imagem de um observador imparcial – e marca uma diferença com relação ao que é falado, podendo, desta forma, formular juízos de valor, emitir opiniões etc., justamente porque não se envolveu com a questão.

Os *discursos sobre* são discursos que atuam na institucionalização dos sentidos, portanto, no efeito de linearidade e homogeneidade da memória. Os *discursos sobre* são discursos intermediários, pois ao *falarem sobre* um *discurso de* ('discurso-origem'), situam-se entre este e o interlocutor, qualquer que seja. De modo geral, representam lugares de autoridade em que se efetua algum tipo de transmissão de conhecimento, já que *ao falar sobre* transita na co-relação entre o narrar/descrever um acontecimento singular, estabelecendo sua relação com o campo de saberes já reconhecido pelo interlocutor.

Considerando a análise feita por Mariani (1998) em relação ao discurso jornalístico

e, muito embora, tal análise seja pertinente a essa formação discursiva, no caso das publicações (jornalísticas) da chamada mídia alternativa, há um apelo pela militância política e os que escrevem e fazem os referidos jornais, são sujeitos atuantes nessa militância, motivo pelo qual falamos também de um discurso de, na medida em que a militância traz à tona a identificação explícita dos sujeitos que escrevem nos jornais com as causas sobre as quais escrevem.

Além disso, entendemos que o discurso de (militância) também atua na “institucionalização dos sentidos”, mas ocorre, em contrapartida, uma agitação nas filiações sócio-históricas, embora assumam uma posição de linearidade e homogeneização da memória em relação ao que é dito sobre as sexualidades, tendo em vista o comprometimento ideopolítico desses sujeitos.

Devemos entender a mídia como um conceito amplo de espaço de circulação de discursos, bem como de formulação de sentidos. No caso da mídia jornalística de militância, da mídia panfletária, nanica ou alternativa do final da década de 1970, entendemos como um importante veículo de consolidação de um movimento social e político que se formava naquele momento histórico.

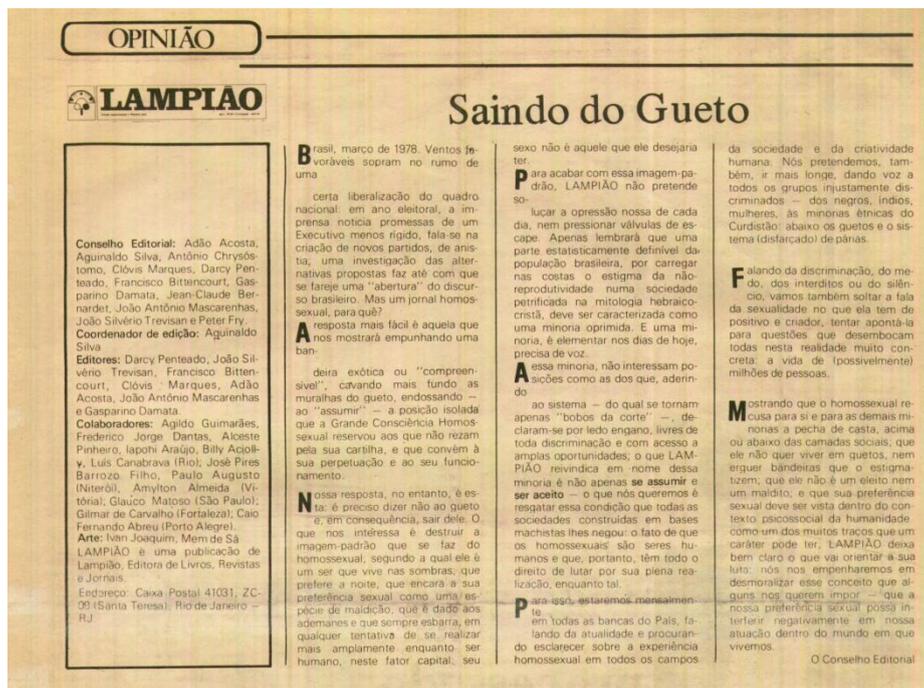
Agora, passamos a nos ocupar da análise de uma importante sequência extraída da edição de número zero do *Lampião da Esquina*, trata-se do editorial de apresentação intitulado “Saindo do Gueto”. Nele encontramos interessantes elementos de caracterização da luta homossexual da época e nos servirá de baliza para compreender o movimento.

Saindo do gueto: nas páginas de um jornal a voz de um movimento

A proposta de um jornal alternativo para dar voz a um movimento de afirmação homossexual é realizada de forma ousada e transgressora. Não obstante as contradições próprias desse e de tantos outros movimentos de minorias, o editorial lançado em abril de 1978 apresenta elementos necessários à compreensão do momento histórico, ressaltando com isso o caráter histórico-social dos sujeitos que compõem o Conselho Editorial, bem como da própria luta a que eles levantavam a bandeira naquela formação social dada e naquele contexto específico.

Analisaremos algumas sequências extraídas desse editorial, problematizando por meio de questões que se impõem pela natureza do objeto. Tendo em vista ser o editorial um gênero que reflete a heterogeneidade e a contraditoriedade inerentes aos sujeitos que o compõe.

Figura 1: Editorial de apresentação do Lampião, intitulado “Saindo do Gueto”, em sua edição de número zero, em abril de 1978.



Fonte: Jornal Lampião da Esquina⁵.

Já no primeiro parágrafo encontramos um questionamento que vai permear todo o editorial: “Mas um jornal homossexual, para quê?”. A finalidade do periódico, questionada no texto leva o leitor a um caminho de transgressão a uma imagem posta, imposta, aceita e defendida por muitos homossexuais. Com isso, na luta por direitos, questiona-se a identidade a ser aceita ou recusada. Eis que a resposta vai-se tecendo como bandeira:

Nossa resposta, no entanto, é esta: *é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele. O que nos interessa é destruir a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência homossexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanes e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano, neste fator capital: seu sexo não é aquele que ele desejaria ter (LAMPÍÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2, grifo nosso).*

Em “é preciso dizer não ao gueto e, em consequência, sair dele”. Sair do gueto é sair do espaço reservado aos homossexuais, espaço que retoma a memória discursiva da exclusão das minorias. A identificação desses sujeitos inseridos nos guetos é tão forte que no texto, o “gueto” é descrito a partir do sujeito e suas ações e características por meio de palavras negativizadas como: vive – sombras; prefere – noite; encara – maldição. Há no gueto a personificação do que é antigo, conservador, excludente, mal, algo que deva ser destruído.

Os guetos podem representar os espaços privados sujos e escondidos, como também, os espaços públicos degradados e marginalizados. Algumas questões, no entanto,

⁵ Disponível no site do Grupo Dignidade. Acesso em 14 jan. 2019.

fazem-se importantes de serem pensadas: como esses sujeitos foram parar nos guetos? Quais os espaços deverão ser ocupados por esses sujeitos ao saírem dos guetos?

No processo histórico de estigmatização dos homossexuais, especialmente a partir do desenvolvimento de uma sociedade patriarcal, ser homossexual representava/representa tudo o que vai de encontro ao que se coloca como “natural” numa sociedade pautada pela binariedade e pela oposição indissolúvel entre homem/mulher, masculino/feminino. Portanto, à luz da sociedade, homens e mulheres devem exercer seus respectivos papéis na reprodução social e na produção material capitalista, o que está à margem dessas relações de produção/reprodução devem ocupar espaços também marginalizados.

No decorrer do tempo, com a luta do movimento LGBT, os espaços públicos e privados ocupados pelos sujeitos homossexuais, especialmente os que foram gradativamente saindo dos guetos, foram os espaços ditados pelo próprio mercado, pelo capital: os do consumo e dos direitos individuais de se sentir pertencidos a uma sociedade de classes, desde que haja a compreensão de que suas realizações são individuais, deixando de ser “somos” para corroborarem com a ilusão de que “eu sou”, como no atual efeito de empoderamento.

Há, assim, um efeito ideológico que mascara as determinações desse sujeito, pois conforme elucidada Pêcheux:

É a ideologia que fornece as evidências pelas quais “todo mundo sabe” o que é um soldado, um operário, um patrão, uma fábrica, uma greve etc., evidências que fazem com que uma palavra ou um enunciado “queiram dizer o que realmente dizem” e que mascaram, assim, sob a “transparência da linguagem” aquilo que chamaremos o *caráter material do sentido* das palavras e dos enunciados (PÉCHEUX, 2009, p. 146).

Assim, há um não-dito, que produz na sequência em destaque, um efeito de não pertencimento ao espaço historicamente reservado aos homossexuais, mas que também apaga o modo de inserção desses sujeitos em outros espaços, produzindo também outros sentidos de homossexualidade e de sociabilidade.

O silenciamento quanto às determinações do mercado, do capital é mantido. Dessa forma, a luta pelos direitos dos homossexuais não é pensada para fora do indivíduo, para uma processualidade histórica determinante.

Esse convite ao empoderamento, que aqui preferimos entender como efeito de empoderamento, haja vista que não passa de um efeito ideológico, faz ecoar no discurso que trataremos de analisar a seguir, o dos jovens que se autodenominam “bichas”.

As bichas do virtual: afirmação e estereótipos em outros espaços

Daremos agora um salto de 1978 a 2016. Nesse hiato, há um processo de conquista de novos espaços. Com a tecnologia e com o desenvolvimento da internet, plataformas como redes sociais ocupam os lugares antes ocupados pelos jornais impressos alternativos e chamados de “nanicos”. Agora, no ambiente virtual tudo deixa de ser “nanico” mesmo que seja alternativo e pode atingir grandes proporções.

Esse é o caso dos vídeos veiculados no site YouTube, especialmente do vídeo documentário que servirá de objeto para nossa análise, “Bichas”.

Figura 2: Documentário “Bichas” (2016).



Fonte: – Print do cartaz do documentário no YouTube.

Bichas é um documentário, com cerca trinta e nove minutos de duração, dirigido pelo publicitário pernambucano, Marlon Parente, produzido no ano de 2016 e publicado no YouTube, em 20 de fevereiro de 2016. Um ano depois, já contava com quase setecentas mil de visualizações, mais de três mil comentários, e quase dezoito mil compartilhamentos por diversas outras redes sociais.

Com a agilidade típica da plataforma utilizada e das mídias virtuais, *Bichas* abriu a discussão sobre homofobia e afirmação da sexualidade. O vídeo foi produzido com um custo muito baixo e com recursos precários, mas que tinha como foco a narrativa de seis jovens de Recife sobre sua sexualidade e suas histórias de preconceito e discriminação.

Ao contrário de um tempo inicial de abertura política (1978), como observado na produção do *Lampião da Esquina*, os personagens reais do documentário *Bichas*, vivenciam uma democracia fragilizada por um contexto de crise política, econômica e institucional que vive o Brasil, em que todas as instituições democráticas de um Estado dito como democrático de direito, experimentam a farsa da história, tal como Marx (1851) analisa na obra *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*⁶.

Assim, no contexto de democratização dos espaços virtuais e discussão em torno das expressões dos sujeitos, as relações sociais tornam-se homogeneizadas pela mídia e pelo Estado, enquanto as contradições se resumem na polarização política acirrada desde 2013 com as chamadas jornadas de junho.

Inclusive, a partir dessas jornadas de 2013, o Brasil, ao tempo em que vivencia o agravamento de uma crise que começa nos EUA desde 2008, uma crise estrutural que ressoa por todo o mundo, convive também com a emergência de espaços que se colocam nas mídias alternativas como contrários ao discurso hegemônico da mídia oligárquica. Nesse contexto, podemos pensar na importância das redes sociais, como o YouTube, que passam a transmitir o que não é televisionado.

⁶ Marx, na obra citada enuncia que “Hegel observa em uma de suas obras que todos os fatos e personagens de grande importância na história do mundo ocorrem, por assim dizer, duas vezes. E esqueceu-se de acrescentar: a primeira como tragédia, a segunda como farsa.”. Trago esta citação por compreender que cabe ao atual momento do país de retorno a um discurso conservador de tomada de poder.

Resultante da polarização vigente, temos a emergência do sujeito como causa de si. Assim, os conflitos sociais e as contradições de classe tendem a ser apagadas quando se discute o lugar de um sujeito “empoderado” em suas lutas. O empoderamento se torna, então, a solução para os males sociais enfrentados pelos sujeitos em seus movimentos. Empoderar-se significa, então, ocupar um lugar de poder; seja no meio de um movimento, seja na própria autonomia do sujeito. Entretanto, ao se afirmar como “bicha”, como “negro”, como “mulher”, os sujeitos se empoderam por si e para si, nem sempre pelo movimento e pelas causas já fragmentadas.

As bandeiras de luta passam a carregar também o peso de suas próprias contradições. Nas falas dos sujeitos do documentário, narrativas de experiências pessoais que não interessam ao analista como falas individuais, mas como materialidades do discurso sobre o homossexual que se empodera, o discurso do homossexual sobre o homossexual que é oprimido em suas relações sociais.

Vejamos na fala de um dos personagens do documentário a presença do individual e do coletivo como oposição fundamental.

Quando eu me assumi pra minha mãe, é... minha mãe me pediu pra eu não levantar bandeiras. Eu não me assumi pra sociedade, porque segundo ela eu não tinha essa obrigação de dar satisfação pras pessoas, sabe, e aí... eu entendo um pouco ela, porque eu sei que isso é uma forma de me proteger, me proteger das pessoas, me proteger do preconceito que eu possa sofrer, me proteger de possíveis agressões que a gente, sabe, que ocorrem todos os dias contra todo tipo de pessoa LGBT. Só que ao mesmo tempo era uma forma de me prender ainda, dentro do armário, sabe. Era como se eu tivesse acabado de sair do armário, mas eu ainda tivesse que tá lá dentro, praticamente todo meu tempo e aí ela pediu pra não me expor pras pessoas, pra tentar ser o mais discreto possível. Na época eu aceitei, claro, enfim, eu tava vulnerável, eu tava precisando daquele apoio, daquele carinho de mãe e eu entendia uma coisa boa, como uma coisa protetora, mas o que acaba não sendo, *porque se existe tanta agressão, tanto risco pra gente se machucar, a gente levantar uma bandeira é a gente proteger um ao outro*, sabe, e (pausa e voz embargada), e eu prometer isso pra ela, era prejudicial pra mim, era prejudicial pras outras pessoas, então...até gravar esse vídeo é uma quebra dessa promessa e eu queria pedir perdão a ela nesse momento, mas...eu preciso (choro) fazer isso, sabe. Foi preciso quebrar essa promessa, porque eu me sinto, me sinto inseguro na rua, eu me sinto (pausa), me sinto...que todos os meus amigos sofrem todos os dias. Eu sinto que a maioria das pessoas que importam pra mim hoje, que são mais próximas de mim, podem sofrer agressão a qualquer hora na rua (Fala de Ítalo, 26 anos. *Bichas*. 2016).

O conflito entre o interesse de proteção individual e a luta coletiva revela a oposição permanente em toda e qualquer sociedade. Sabe-se que o Estado, bem como os diversos instrumentos de controle social, por meio de um efeito ideológico de homogeneização tende a criar nesses sujeitos a identificação com o todo, apagando nesses conflitos a contradição constitutiva da história.

Quando o personagem diz que levantar bandeira é uma forma de proteção, ele utiliza a metáfora da “bandeira” para designar uma luta, mas o não-dito está naquilo que compõe essa bandeira de luta e quais são as pautas desta bandeira. Se o movimento é heterogêneo falar numa bandeira única é homogeneizar, essa homogeneização é um efeito

ideológico fundamental numa sociedade capitalista de classes.

Assim, essa bandeira vai sendo costurada no decorrer do documentário, especialmente como a pauta principal do empoderamento. Nossa opção neste trabalho foi em falar de efeito de empoderamento, por entendermos que, quando se “empodera”, cria-se um efeito ideológico de que os sujeitos passam a ocupar um outro lugar que não o da opressão, mas o capital continua a oprimir, explorar e dominar.

Há, portanto, o apagamento da necessidade de emancipação humana, que só será possível com a superação de um modelo de sociedade dividido em classes. Esse silenciamento vem sendo uma constante no discurso dos movimentos LGBTs e na não consideração de sua heterogeneidade constitutiva.

Considerações finais: novas mídias, velhas opressões

Diante de um dado histórico que é a opressão das minorias, em especial e estigmatização e preconceito contra os homossexuais, o percurso histórico que tecemos na análise das Condições de Produção dos discursos sobre a homossexualidade, leva-nos a compreender que ainda persistem práticas conservadoras de discriminação, pautadas numa lógica própria de uma sociedade de classes, cujo modo de produção necessita de que os indivíduos assumam papéis fundamentais na reprodução e manutenção da classe trabalhadora.

A contradição que constitui o real sócio-histórico é a mesma que faz com que os sujeitos conquistem seus direitos (basicamente o direito de trabalhar para consumir), revelando o movimento contraditório dos homens que fazem história e por ela são determinados.

Assim os movimentos LGBTs, tratado aqui no plural, por compreendermos heterogêneos, desenvolvem-se nos momentos de crises cíclicas do capitalismo e persistem num contexto de crise sistêmica, mas persistem no conflito e para o conflito, de modo que os sujeitos se sobressaiam como empoderados diante do movimento e da sociedade.

Ao assumir a bandeira de um movimento contra a opressão aos homossexuais, o jornal *Lampião da Esquina* inova ao romper com a ideia de um gueto, anos depois, jovens de Recife reivindicam proteção a um gueto. Afinal, qual é o lugar desses sujeitos? Não podemos afirmar qual o lugar que o homossexual ocupa na luta de classes, porque embora estejamos falando de minorias não falamos de uma luta unitária.

Logo, pensando no desenvolvimento de uma crise estrutural do capital, especialmente a que se desenvolve desde a década de 1970 com a crise energética nos EUA, próximo ao surgimento do *Lampião da Esquina*, até o agravamento da crise imobiliária norte americana, em 2008, que vai influenciar de forma decisiva a crise enfrentada por diversos países da América Latina e no Brasil a partir de 2013, com as jornadas de junho, há uma emergência da centralidade do sujeito como forma de solução dos conflitos.

Disso resulta toda a emergência de um discurso do empoderamento, que como vimos, constitui-se como efeito discursivo-ideológico que silencia um problema ainda

maior, o acirramento da luta de classes.

Nesse sentido, independentemente da mídia utilizada, seja jornal impresso ou produto audiovisual veiculado em meio virtual, os dois momentos distintos analisados absorvem por meio do lugar de enunciação a lógica do capital, portanto, uma formação ideológica do capital, que determina que espaço deve ser ocupado, dentro dos guetos para manutenção da sociedade conservadora ou fora dos guetos assumindo o direito de se expressar e de consumir.

Referências

CONEIN, B.; COURTINE, J.-J.; GADET, F.; MARANDIN, J.-M.; PÊCHEUX, M. (orgs.). **Materialidades discursivas**. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

COURTINE, J.-J. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Edufscar, 2009.

FLORÊNCIO, A. M. G. *et al.* **Análise do Discurso**: procedimentos e prática. Maceió: EDUFAL, 2009.

FRY, P.; MACRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1983 (Coleção Primeiros Passos).

GREEN, J. N.; POLITO, R. **Frescos trópicos**: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MARIANI, B. **O PCB e a imprensa**: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989). Rio de Janeiro: Revan; Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 4.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

RODRIGUES, J. C. Um lampião iluminando esquinas escuras da ditadura. *In*: GREEN, J. N.; QUINALHA, R. (orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: Edufscar, 2014.